

Introdução

O *New York Times* chamou-lhe a «bolha espinhosa¹ avistada pelo mundo fora». No final de Janeiro, Alissa Eckert e Dan Higgins, colegas nos Centros de Controlo e Prevenção de Doenças, viram-se a mãos com a tarefa de ilustrar o novo coronavírus. O objectivo consistia em criar algo que «chamasse a atenção do público», explicou mais tarde Eckert ao *Times*. Desenvolveram uma imagem de um globo prateado com espinhos de um vermelho-vivo brilhante. Sugestivo e perturbador, depressa se espalhou por todo o lado. Se, neste preciso momento, estiver a pensar na imagem de um coronavírus, é muito provável que tenha em mente a versão de Eckert e de Higgins ou uma variante dela. No mundo um pouco macabro dos artistas profissionais da área da medicina, esta imagem é conhecida como uma «fotografia da beleza», uma representação em grande plano de uma única partícula do vírus, dando-lhe um aspecto ameaçador, mas também gigantesco. Na verdade, o novo coronavírus mede cerca de 1/10 000 em relação ao tamanho do ponto final desta frase².

Aconselham-nos amiúde a pensar em grande. Talvez devêssemos, porém, começar a pensar em pequeno. É-nos fácil imaginar perigos enormes e mais tradicionais, por muitos improváveis que se tenham tornado, como, por exemplo, ataques militares e invasões, e conseguimos traçar planos de retaliação a uma escala igualmente gigantesca. Os governos investem imenso dinheiro na construção de grandes estruturas militares, procuram controlar os movimentos dos exércitos por todo o planeta e emprender simulações de

guerra contra potenciais inimigos. Só os Estados Unidos dedicam, todos os anos, cerca de três quartos de mil bilhões de dólares³ ao seu orçamento de defesa. No entanto, não estamos preparados para nos defender de um micróbio minúsculo. É bem possível que esta partícula viral se torne responsável pelo maior prejuízo econômico, político e social que a humanidade teve de enfrentar desde a Segunda Guerra Mundial.

O presente livro não é sobre a pandemia, mas antes sobre este novo mundo que está a surgir como seu resultado e, principalmente, sobre as nossas respostas. Dependendo do estado em que se encontra o mundo numa dada altura e de como reagem os seres humanos — com medo, rejeição ou adaptação —, qualquer abalo a grande escala pode desencadear diversas repercussões. No caso do novo coronavírus, o seu impacto espelha a realidade de um planeta profundamente interligado, no qual a maioria dos países não estava preparada para uma pandemia, optando por encerrar as suas sociedades e economias — incluindo as nações mais ricas — de uma forma inédita na História da humanidade.

Este livro é sobre um «mundo pós-pandémico», não porque o coronavírus seja algo do passado, mas porque alcançámos um patamar crucial. Até à data, quase nenhum ser ainda vivo tinha enfrentado uma praga. Agora, contudo, sabemos o que é uma pandemia. Vimos os desafios e as consequências de lhe dar resposta. A pandemia de covid-19 pode persistir, mas, mesmo que seja erradicada, é quase certo que surgirão novos surtos de outras doenças no futuro. Com este conhecimento e esta experiência, vivemos uma nova era: pós-pandémica.

Quais são, ao certo, as consequências desta pandemia? Alguns sugerem que se tornará o ponto de viragem⁴ da História moderna, aquele momento que lhe alterará o rumo para sempre. Outros acreditam que, com a descoberta da vacina, depressa voltaremos às rotinas de sempre⁵. Há ainda quem defenda que a pandemia não mudará assim tanto a sociedade, antes a acelerará⁶. Este último cenário parece o mais provável. Conta-se que Lenine, em dada ocasião, disse que «há décadas em que nada acontece e semanas em que acontecem décadas». Em diversos aspectos, o tempo pós-pandémico

será uma versão acelerada do mundo que conhecíamos. Contudo, quando aceleramos a vida, os acontecimentos não se desenrolam naturalmente e as consequências podem ser desastrosas e, inclusive, mortais. Na década de 1930, muitos países em desenvolvimento caminhavam para a modernização a um passo constante, fazendo a passagem da agricultura para a indústria. A União Soviética optou por acelerar este processo de forma brutal. Semelhante decisão, a da colectivização da agricultura, levou à fome, à «liquidação» de milhões de agricultores, a uma ditadura mais severa e à deformação da sociedade soviética. Um mundo sob o efeito de esteróides pode sofrer efeitos secundários imprevisíveis.

A vida pós-pandémica será diferente para países, empresas e, sobretudo, para os indivíduos. Mesmo que a economia e a política voltem ao normal, o mesmo não vai acontecer aos seres humanos. Depois de terem passado por uma provação árdua e fora do comum, ganharam um novo sentido de oportunidade, alcançado com suor. Depois de ter sobrevivido à gripe espanhola, uma das personagens do romance de 1937 de William Maxwell, *Vieram como Andorinhas*, sente-se «percorrido por um sentimento de deslumbramento (pois fora uma revelação: nem ele nem ninguém sabia que a vida seria assim)»⁷. Segundo as palavras de Katherine Anne Porter, na sua novela quase autobiográfica de 1939 — *Cavalo Pálido, Pálido Cavaleiro* —, sobre a sobrevivência à mesma pandemia: quando o pior passa, saímos para a «luz fria e dormente do amanhã»⁸.

AS PRAGAS TÊM CONSEQUÊNCIAS

Já deveríamos estar à espera⁹. O coronavírus pode ser uma novidade, mas as pragas não. A literatura ocidental começa com uma. Nos primeiros versos da *Ilíada*, de Homero, os exércitos estão a ser devastados por uma peste, que funciona como um castigo divino ao seu chefe, o rei Agamémnon, conhecido pela sua vaidade, avareza e carácter belicoso. A primeira história escrita com seriedade no Ocidente também começa com uma praga. A *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, é uma crónica sobre o longo conflito

entre as duas superpotências de então — Atenas e Esparta. Perto do início do conflito, Tucídides descreve uma praga terrível que varreu Atenas, dizimando imensos cidadãos aptos para fazer a guerra e, pior ainda, o inigualável dirigente da cidade-Estado, Péricles. As duas frentes tinham sistemas políticos muito distintos: Atenas vivia em democracia e Esparta era uma sociedade militar governada de forma mais rígida. Esta última acabou por vencer e creio que podemos dizer que, acaso não tivesse havido praga, Atenas poderia ter saído vitoriosa e a História ocidental teria seguido um curso muito diferente — com base num modelo democrático florescente e bem-sucedido, em vez de se orientar por uma chama que, apesar de forte, depressa se extinguiu. As pragas acarretam consequências.

A mais catastrófica de todas foi a peste bubónica, que teve início nos anos 1330, na Ásia Central, e se espalhou pela Europa na década seguinte. Um cronista medieval acusou os Mongóis¹⁰ de serem responsáveis pela introdução da doença no continente ao lançarem cadáveres infectados pela peste por meio de catapultas¹¹ — uma das primeiras armas biológicas — para uma fortaleza genovesa. O mais provável é que a peste se tenha espalhado devido ao comércio global, feito por caravanas e navios que transportavam os bens do Oriente para os portos mais importantes, como o de Messina, na Sicília, e o de Marselha, em França. Também conhecida como peste negra, foi transmitida pelas pulgas dos ratos e atacava o sistema linfático das vítimas, causando sofrimento e morte a uma escala inédita. Mais de metade¹² da população europeia foi dizimada. Como muitas, a doença nunca foi completamente erradicada. A Organização Mundial de Saúde ainda reporta algumas centenas de casos¹³ de peste bubónica todos os anos, que, felizmente, são agora tratados com antibióticos.

A peste bubónica teve efeitos sísmicos. Os académicos acreditam que, com uma mortalidade tão elevada, a economia ficou de pernas para o ar. Walter Scheidel explica que a mão-de-obra se tornou tão escassa e tantos terrenos ficaram ao abandono, que os salários aumentaram e as rendas diminuíram¹⁴. Os trabalhadores ganharam poder de negociação e os nobres saíram a perder. A servidão diminuiu na Europa Ocidental. É claro que o impacto variou muito de país para

país, dependendo das estruturas económicas e políticas. Na verdade, a desigualdade aumentou em alguns locais que tomaram medidas mais repressivas. Por exemplo, os nobres feudais na Europa de Leste aproveitaram-se da desgraça e do caos para apertar o seu jugo e pela primeira vez impor a servidão. Além destas consequências materiais, a peste ocasionou uma revolução intelectual. Muitos europeus do século XIV perguntaram a si mesmos por que motivo permitia Deus este inferno na Terra, pondo em causa algumas hierarquias enraizadas¹⁵ — o que levou, em última análise, ao fim do mal-estar medieval na Europa rumo ao Renascimento¹⁶, à Reforma e ao Iluminismo. Da morte e do terror nasceram a ciência, a modernidade e o crescimento. Ainda bem que não enfrentamos uma mortalidade tão elevada com a covid-19, mas será que a nossa pandemia também desencadeará um espírito de introspecção social semelhante e trará algo equivalente que abale a nossa condescendência?

Na investigação de referência do historiador William McNeill, *Plagues and People*, o autor recorreu à epidemiologia para desvendar um enigma: como conseguiram pequenos batalhões de soldados europeus conquistar tão depressa milhões de pessoas¹⁷ na América Latina? Por exemplo, o explorador espanhol Hernán Cortés conseguiu subjugar o Império Asteca, composto por milhões de pessoas, com apenas 600 homens¹⁸. McNeill descobriu que a resposta envolvia pragas. Além de armamento mais avançado, os Espanhóis traziam consigo algumas doenças, como a varíola, contra as quais já se encontravam imunes, mas os nativos não. O número de mortes estimado com origem nestes surtos é impressionante, indo desde 30 % da população, no início, até 90 %, ao longo do século XVI — no total, dezenas de milhares de pessoas. McNeill reflecte sobre «as implicações psicológicas da doença que matava apenas índios e deixava os Espanhóis ilesos». Especula que uma das conclusões a que chegavam os nativos se prendia ao poder grandioso dos deuses venerados pelos estrangeiros, o que pode explicar porque tantos se submeteram ao domínio espanhol, convertendo-se ao Cristianismo.

Uma pandemia ainda bem viva nas nossas memórias é a gripe espanhola, que atingiu o mundo durante a Primeira Guerra Mundial,

matando cerca de cinquenta milhões de pessoas¹⁹, mais do dobro do número de mortes em combate²⁰. (Ficou conhecida como gripe espanhola não por ter tido origem em Espanha²¹, mas por este país, que não combateu na guerra, não censurar as notícias. Assim, os principais relatos pormenorizados sobre o surto da doença provinham de Espanha, levando muita gente a presumir que tivera origem nesse território.) Desde o início do século xx, a ciência desenvolveu-se bastante. Nesse tempo, nunca ninguém testemunhara um vírus, nem sabia como lidar com o contágio²²: os microscópios electrónicos ainda não haviam sido inventados, nem existia medicação antiviral. Ainda assim, as três principais directrizes indicadas pelas autoridades à época — o distanciamento físico, o uso de máscara e a lavagem das mãos — permanecem entre os quatro principais mecanismos que usamos hoje para retardar a disseminação do coronavírus até ao desenvolvimento de uma vacina. O quarto — os testes regulares — é a única prática adicional moderna.

Nas últimas décadas, surtos de SARS, MERS, gripe das aves, gripe suína e ébola espalharam-se de forma rápida e ampla, levando muitos especialistas a alertar para a alta probabilidade de enfrentarmos uma epidemia verdadeiramente global muito em breve. O público também foi avisado. O livro *A Zona Crítica*, um êxito de vendas escrito em 1994 por Richard Preston, descreve em pormenor a origem do vírus ébola. Em 2011, estreou o filme *Contágio*, inspirado pela epidemia SARS de 2002-2003 e pela gripe suína de 2009, dando vida a um vírus que ceifava mais de 26 milhões de vidas pelo mundo inteiro. Em 2015, Bill Gates avisou numa TED Talk²³ que «se existe alguma coisa capaz de matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, é provável que seja um vírus altamente contagioso». Em 2017, num discurso no âmbito da Conferência de Segurança de Munique²⁴, fez o alarme soar ainda mais alto, asseverando que existia uma grande probabilidade de esta epidemia surgir no mundo nos dez ou quinze anos seguintes.

Por essa altura, já não era preciso ter grande visão para imaginar uma pandemia e defender o investimento de mais tempo, recursos e energia para impedi-la. Quando, em Junho de 2017, o presidente Donald Trump propôs cortes no orçamento de entidades fundamen-

tais para a saúde pública e para o tratamento de doenças, dediquei um segmento do meu programa na CNN²⁵ a esta temática:

Uma das maiores ameaças que os Estados Unidos têm de enfrentar não é, de todo, grande. Na verdade, é minúscula, microscópica, dezenas de vezes mais pequena do que a cabeça de um alfinete. Patógenos mortíferos, quer produzidos pelo Homem quer naturais, podem desencadear uma crise de saúde global e os Estados Unidos não estão nada preparados para lidar com isso. [...] Basta recuar cem anos e olhar para 1918, quando a pandemia de gripe espanhola matou cerca de 50 milhões de pessoas por todo o mundo. De certa maneira, hoje ainda estamos mais vulneráveis. As nossas cidades a abarrotar, as guerras, os desastres naturais e as viagens aéreas internacionais podem levar a que um vírus mortal com origem numa pequena aldeia em África seja transmitido e chegue a todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, em apenas 24 horas [...]. A biossegurança e as pandemias globais ultrapassam todas as fronteiras nacionais. Os patógenos, os vírus e as doenças são igualmente assassinos. Quando a crise estalar, vamos desejar ter mais fundos e uma maior cooperação global. Mas, nessa altura, talvez já seja demasiado tarde.

Foi demasiado tarde. Não faltaram avisos para nos prepararmos para a covid-19. Todavia, além dos perigos específicos implícitos numa pandemia, deveríamos ter tido em linha de conta a possibilidade de uma ameaça ao nosso sistema.

Após a Guerra Fria, o mundo entrou num novo sistema internacional, marcado por três forças: geopolítica, económica e tecnológica, isto é, pelo poder americano, os mercados livres e a Revolução da Informação. Tudo parecia estar encaminhado para criar um mundo mais aberto e próspero. Todavia, as crises continuaram e muitas delas ficaram descontroladas. As guerras nos Balcãs, o colapso financeiro asiático, os ataques de 11 de Setembro, a crise financeira global e, agora, a covid-19. Apesar de diferentes, têm algo crucial em comum. Todos estes abalos são *assimétricos*²⁶, ou seja, começaram por ter uma dimensão pequena, mas acabaram por emitir ondas sísmicas para o mundo inteiro. Isto é particularmente relevante no que se refere aos três acontecimentos vistos como os mais duradouros: o 11 de Setembro, o *crash* de 2008 e o coronavírus.

Os ataques do 11 de Setembro abalaram o globo, evidenciando uma repercussão particular neste novo mundo, que muitos no Ocidente ignoravam até ao momento. Os ataques trouxeram para o palco principal a violência do Islamismo radical, as tensões no Médio Oriente e as relações complicadas entre o Ocidente e estas duas partes. Acabaram por provocar uma retaliação sangrenta por parte dos Estados Unidos. O país aumentou o seu vasto sistema de segurança interna, iniciou guerras no Afeganistão e no Iraque e empreendeu outras operações, gastando cerca de 5,4 biliões²⁷ nesta «Guerra ao Terrorismo». Esta campanha levou a derramamento de sangue, revoluções, repressão e refugiados, com milhares de baixas e efeitos negativos que persistem até aos dias de hoje.

O segundo abalo foi completamente diferente, pois uma crise financeira não é nada de novo na História. Os tempos de prosperidade deram origem ao aumento dos preços dos bens, o que levou à especulação, a bolhas e, por fim, ao colapso inevitável. Apesar de a crise ter começado nos Estados Unidos, espalhou-se depressa pelo planeta, mergulhando o mundo na pior recessão económica desde a Grande Depressão. A economia recuperou aos poucos, mas os mercados dispararam, evidenciando o fosso entre capital e mão-de-obra. No que respeita à política, esta crise gerou efeitos complexos e corrosivos. Apesar de o *crash* financeiro estar enraizado nos excessos cometidos pelo sector privado, muitas pessoas, em diversos países, não optaram por uma economia de esquerda — adoptaram a direita, culturalmente. A ansiedade económica produziu uma ansiedade cultural, a hostilidade em relação à imigração e um desejo nostálgico de regressar a um passado familiar. O populismo de direita²⁸ ganhou força por todo o Ocidente.

O terceiro abalo é aquele que estamos a viver agora. Pode ser o maior de todos e é, sem dúvida, o mais global. O que começou por ser um problema de saúde pública na China depressa se tornou uma pandemia global. Mas isso foi apenas o início. A crise médica desencadeou uma série de encerramentos de quase todas as empresas pelo planeta fora, resultando na Grande Paralisação, a suspensão da própria economia. Em certa medida²⁹, o prejuízo económico resultante desta pandemia já iguala o da Grande Depressão³⁰. As consequências

políticas irão desenrolar-se nos próximos anos de forma distinta nos diferentes países. As consequências sociais e psicológicas — o medo, o isolamento e a falta de sentido de propósito — podem durar muito mais. A covid-19 está a ter repercussões profundas e duradouras em cada um de nós, que ainda não conseguimos entender na totalidade.

No entanto, todas estas crises gigantescas e globais tiveram origem em algo pequeno, aparentemente trivial. Pense-se nos ataques de 11 de Setembro, executados por dezanove jovens munidos apenas das armas mais simples e rudimentares — facas pequenas, não muito diferentes das usadas na Idade do Bronze, há 4000 anos. Mas estes dezanove homens deram origem a uma onda de guerra, operações militares, revoltas e repressões, que inundaram o mundo. Veja a origem da crise financeira global — um produto financeiro difícil de perceber, o «*credit default swap*», um contrato de permuta financeira de crédito, sobretudo em hipotecas, que embrulhava e voltava a embrulhar, esquartejava tudo ao milésimo, vendia e revendia, até se tornar um mercado no valor de 45 biliões de dólares³¹, três vezes maior do que a economia dos Estados Unidos e com três quartos do tamanho³² da economia global. Quando o mercado caiu, arrastou consigo a economia mundial e, com o passar do tempo, originou uma onda de populismo. Sem os *credit default swaps*, talvez o presidente Donald Trump nunca tivesse sido eleito.

No caso da presente pandemia, já todos reconhecemos que esta partícula viral minúscula, transmitida por um morcego na província de Hubei, na China, deixou o mundo de rastros — um exemplo verídico do efeito borboleta, em que o bater das asas³³ deste animal pode influenciar padrões meteorológicos no outro lado do mundo. As mudanças pequenas podem acarretar grandes consequências. Num sistema eléctrico ou numa rede informática, se um elemento minúsculo falhar e passar a sua carga para outro, que também acaba por falhar, pode dar origem a uma cadeia de reacções que fica cada vez maior, como uma pequena oscilação que se torna uma onda estrondosa — chamam-lhe «falha em cascata». Uma única falha num *software* ou um transformador estragado pode levar a que todo o sistema venha abaixo. Na biologia acontece algo semelhante. Por meio de uma reacção em cadeia, uma infecção menor no sangue

pode dar origem a um coágulo minúsculo que leva a um enorme AVC — um processo conhecido como cascata isquémica.

Em tempos antigos, as epidemias eram vistas como algo fora do âmbito da acção ou responsabilidade humana. Por exemplo, a palavra «influenza», gripe, tem origem na tradição popular italiana de atribuir as constipações e a febre à influência dos astros³⁴. Todavia, com o tempo, esta visão mudou e as pessoas tomaram mais atenção às características visíveis do problema, o que foi um passo importante para perceber o que se poderia fazer para o resolver. Os Franceses começaram a chamar *grippe*³⁵ à *influenza*, inspirados na palavra «convulsão», que se referia ao sufoco sentido na garganta e no peito. Desde 1990, este tipo de convulsões, repentinas e enormes, agarraram o mundo. Mais virão. Não respondem a padrões estabelecidos, mas também não são completamente acidentais. Parecem ser um elemento inerente ao sistema internacional que construímos. Temos de perceber este sistema — por outras palavras, compreender o mundo em que vivemos — para olhar para este mundo pós-pandémico que está a surgir.